



Karina Souza Soares

Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

A AGÊNCIA AFRICANA E A LOCALIZAÇÃO PSICOLÓGICA COMO CATEGORIAS AFROCÊNTRICAS: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS E FAVORECENDO A AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA DO POVO NEGRO NA EJA

THE AFRICAN AGENCY AND PSYCHOLOGICAL LOCATION AS AFROCENTRIC CATEGORIES: DECONSTRUCTING STEREOTYPES AND FOSTERING THE IDENTITY AFFIRMATION OF BLACK PEOPLE IN YOUTH AND ADULT EDUCATION (YAE)

Resumo

O presente artigo resultou da pesquisa de doutorado intitulada *A população negra nos livros didáticos de Biologia: uma análise afrocentrada por uma educação antirracista*. Nele, busca-se argumentar como as categorias afrocêntricas, especialmente as de agência africana e de localização psicológica, podem contribuir na desconstrução de estereótipos raciais e na promoção da afirmação identitária de estudantes negros na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A Afrocentricidade, enquanto conceito, surge na década de 1980 como uma crítica à marginalização das culturas africanas e negras nos currículos e práticas educacionais e tem como precursor o educador e pesquisador afro-americano Molefi Kete Asante. A discussão dessas categorias afrocêntricas na EJA cria um contexto educacional mais inclusivo e empoderador ao promover o reconhecimento e a valorização das identidades culturais e históricas desse público. Tal abordagem pode facilitar a permanência e o sucesso dos alunos, pois gera um ambiente que respeita suas vivências e contribui para superar barreiras educacionais e sociais. O artigo destaca a relevância de incorporar as categorias afrocêntricas nas práticas pedagógicas da EJA, reconhecendo e valorizando a identidade dos estudantes negros. Essa prática pode favorecer um espaço inclusivo que reflete suas experiências culturais, desconstrói estereótipos raciais e fortalece seu desempenho acadêmico. Nesse contexto, a valorização das relações étnico-raciais é, portanto, fundamental para

transformar a educação e promover a justiça social.

Palavras-chave: Afrocentricidade; Educação de Jovens e Adultos; População Negra.

Abstract

This academic paper results from a doctoral research titled *The Black Population in Biology Textbooks: An Afrocentric Analysis for Antiracist Education*. It aims to discuss how Afrocentric categories, especially those of African agency and psychological location, can contribute to deconstructing racial stereotypes and promote the identity affirmation of Black students in Youth and Adult Education (YAE). Afrocentricity, as a concept, emerged in the 1980s as a critique of the marginalization of African and Black cultures in curricula and educational practices, with its precursor being the African American educator and researcher Molefi Kete Asante. The Afrocentric categories in YAE create a more inclusive and empowering educational context by promoting the recognition and appreciation of the cultural and historical identities of this audience. This approach facilitates student's permanence and success in school, as it generates an environment that respects their experiences and helps overcome educational and social barriers. The paper highlights the importance of incorporating Afrocentric categories into the pedagogical practices of YAE to recognize and value the identity of Black students. This practice fosters an inclusive environment that reflects their cultural experiences, deconstructs racial stereotypes,



Karina Souza Soares

Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

and strengthens their academic performance. In this context, valuing ethnic-racial relations is essential to transforming education and promoting social justice.

Key-words: Afrocentricity; Young and Adult Education; Black Population.

1 Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil é um reflexo das desigualdades históricas e da marginalização enfrentada pela população negra ao longo dos anos. A presença significativa de estudantes negros nessa modalidade de ensino não é apenas uma estatística, mas uma evidência de um sistema educacional que, por muito tempo, falhou em garantir igualdade de acesso e sucesso para essa parcela da população. As barreiras socioeconômicas e estruturais que limitam o acesso à educação de qualidade são agravadas pelo racismo estrutural¹, dificultando tanto a permanência quanto o desempenho acadêmico dos estudantes negros na EJA (Santos, 2009; Gomes, 2015).

Nesse contexto, este artigo se origina de uma pesquisa de doutorado — *A população negra nos livros didáticos de Biologia: uma análise afrocentrada por uma educação antirracista* — que apresentou uma nova concepção de discussão para os conteúdos presentes nos livros didáticos de Biologia do Ensino Médio como proposta de fomento a uma educação antirracista com base nos princípios epistemológicos da Teoria da Afrocentricidade. De acordo com Soares e Silva (2024, p. 191):

No que se refere a esse movimento de transição paradigmática, que propõe alterações também na forma de pensar a educação e seus modelos vigentes, caminhando na vertente de construção de outras possibilidades para a nossa realidade, entendemos que se fazem necessárias algumas reflexões como ponto de partida para que sejamos capazes de promover (re)significações relevantes nas nossas relações sociais e, em especial, no nosso cotidiano docente.

¹ O racismo sob a perspectiva estrutural pode ser desdobrado em processo político e processo histórico, que criam as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática (Almeida, 2023).



A partir dessa ótica, buscamos agora explorar essa contribuição sob uma perspectiva diferente, ampliando a compreensão sobre o papel das categorias afrocêntricas para a EJA, com ênfase na agência africana e na localização psicológica. Nosso objetivo é entender como essas categorias podem ajudar a desconstruir estereótipos raciais e promover a identidade racial dos estudantes negros. A ideia é mostrar que essas abordagens têm um impacto significativo na forma como os estudantes se veem e se inserem no processo educacional.

Ambas as categorias foram criadas por Molefi Kete Asante (2014). A agência africana é entendida como a capacidade dos indivíduos e das comunidades africanas de afirmarem suas próprias histórias e valores, influenciando a educação ao propor currículos que reconheçam e respeitem suas culturas. Já a localização psicológica se refere ao processo de reconhecimento e valorização da identidade cultural dos estudantes dentro do ambiente escolar, com a criação de um espaço em que esses indivíduos se sintam respeitados e valorizados em suas singularidades.

Ao se incorporar essas categorias na proposta pedagógica da EJA, é possível criar um ambiente mais inclusivo e empoderador, o qual pode contribuir para a permanência e o sucesso acadêmico dos estudantes negros. O reconhecimento das suas experiências culturais e históricas facilita a superação de barreiras educacionais e sociais, oferecendo um espaço onde a valorização de suas identidades não só garante mais equidade, mas também promove um ambiente educacional mais justo e acolhedor. Assim, uma abordagem didática que respeite e promova a identidade negra favorece a transformação do ambiente educacional, torna-o mais inclusivo e eficaz para todos.

2 A EJA e as desigualdades raciais no Brasil

A EJA no Brasil revela uma presença significativa de estudantes negros, reflexo direto das desigualdades históricas e da marginalização que marcaram tanto essa população quanto essa modalidade de ensino ao longo dos anos. De acordo com o

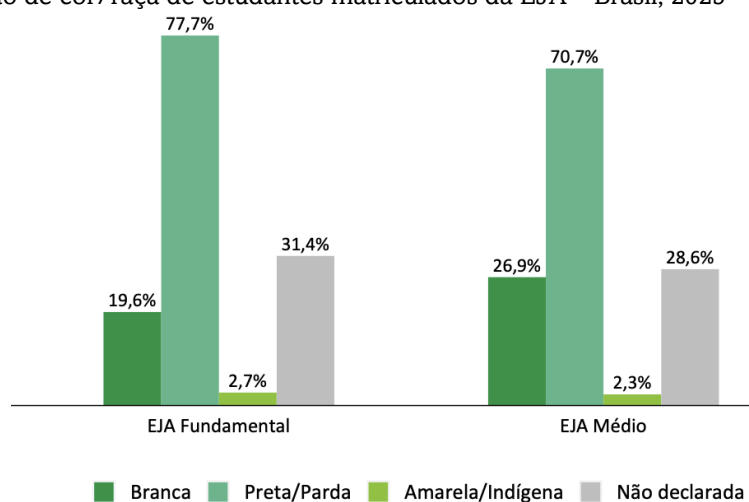


Karina Souza Soares

Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

último Censo Escolar da Educação Básica, versão preliminar (Brasil, 2023), pretos/pardos representam 77,7% da EJA de nível fundamental e 70,7% da EJA de nível médio em relação à matrícula dos alunos com informação de cor/raça declarada. Os estudantes declarados como brancos representam 19,6% da EJA de nível fundamental e 26,9% da EJA de nível médio (Figura 1).

Figura 1: Declaração de cor/raça de estudantes matriculados da EJA – Brasil, 2023



Fonte: BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar da Educação Básica 2023**: Resumo técnico. Versão preliminar. Brasília: INEP, 2023. p. 46.

A predominância de estudantes negros, tanto no nível fundamental quanto no médio, evidencia a exclusão educacional que essa parcela da população enfrenta, sendo frequentemente direcionada para a EJA após longos períodos fora da escola. Essas desigualdades se manifestam em barreiras estruturais e socioeconômicas, mas também em um ambiente educacional que frequentemente não reconhece nem valoriza suas identidades culturais e históricas, que dificulta o acesso, a permanência e o sucesso acadêmico dos estudantes negros nessa modalidade de ensino.

Nesse cenário, a abordagem das categorias afrocêntricas — como a agência africana e a localização psicológica — oferece um caminho para desconstruir os estereótipos raciais e promover a afirmação da identidade negra. De acordo com Freire



(2005), pensar as questões de identidade e resistência presentes no contexto da EJA se faz necessário para a promoção da conscientização dos indivíduos sobre sua realidade e os incentiva a agir de forma crítica em busca de transformação. Nesse sentido, a educação, embora não possa recuperar o tempo perdido, promove a inclusão e o reconhecimento da identidade cultural dos estudantes. Segundo Gomes (2005, p. 93):

A realização de um trabalho pedagógico que discuta a questão racial nas práticas de EJA carrega em si uma complexidade: ao mesmo tempo em que se faz necessária a luta pela inclusão pedagógica dessa questão nos currículos e práticas de EJA, é necessário reconhecer que a questão racial já está presente na EJA por meio dos sujeitos que participam das práticas educativas voltadas para jovens em todo país.

Gomes (2005) destaca a complexidade de abordar a questão racial nas práticas pedagógicas voltadas para a EJA. Ela aponta que, por um lado, é fundamental incluir a discussão sobre o racismo e as questões raciais nos currículos e nas metodologias de ensino da EJA, o que implica um esforço consciente para garantir que a educação seja inclusiva e reflita as diversas realidades dos estudantes, respeitando e valorizando suas identidades, inclusive a racial. Por outro lado, a autora também sublinha que a questão racial já está presente nas práticas de EJA, pois os próprios sujeitos que participam dessa modalidade de ensino, principalmente jovens/adultos negros, carregam em si a vivência das desigualdades raciais que marcam a sociedade. Ou seja, no contexto da EJA, a questão racial não precisa ser “introduzida” de forma artificial, pois ela já faz parte da realidade dos estudantes e da dinâmica educacional. Isso suscita um reconhecimento de que a inclusão da questão racial deve ser feita com sensibilidade, levando em consideração a vivência e as histórias dos estudantes que já estão, de alguma forma, imersos nesse contexto.

A proposta de Gomes (2005) nos convida a refletir que a luta pela inclusão racial no currículo e nas práticas pedagógicas deve ser feita de forma consciente, mas com a



Karina Souza Soares

Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

percepção de que a questão racial na EJA é uma realidade cotidiana dos alunos, que vivenciam as desigualdades e discriminações raciais na sociedade.

Portanto, ao integrar as categorias afrocêntricas na prática pedagógica da EJA e no currículo, o trabalho educacional passa a reconhecer as identidades e histórias dos estudantes não como algo externo ou marginalizado, mas como um elemento central no processo de ensino e aprendizagem. Elas podem contribuir diretamente para a desconstrução dos estereótipos raciais e a promoção de uma identidade mais afirmativa e emancipadora. Além disso, com a inserção dessas abordagens na educação, a questão racial deixa de ser apenas um tema a ser discutido e se torna parte da construção da autoestima e da visão de futuro dos estudantes, fortalecendo sua agência e a percepção de seu lugar no mundo.

3 A Afrocentricidade como ferramenta pedagógica

A Afrocentricidade, enquanto conceito, surge como uma crítica à marginalização das culturas africanas e negras nos currículos e práticas educacionais. Nesse sentido, entendemos a Teoria da Afrocentricidade como um paradigma epistemológico que se manifesta de forma sistematizada no início da década de 1980. Seu precursor, o educador e pesquisador afro-americano Molefi Kete Asante, concebe a ideia afrocêntrica em resposta à hegemonia europeia e apresenta como cerne catalizador uma nova concepção de leitura da história do povo africano e de sua diáspora, livre de estereótipos e do olhar estrangeiro (Asante, 2014).

Nessa perspectiva, articular os pressupostos teóricos da Afrocentricidade às práticas pedagógicas da EJA enseja uma educação pautada em princípios humanizados. Entendemos que

Cabe, portanto, ligar as experiências da população negra (história da vida passada no continente africano, mecanismos de resistência, organização social, religião, cultura) ao cotidiano escolar. Torná-las reconhecidas por todos os atores envolvidos com o processo de



Karina Souza Soares

Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

educação no Brasil, em especial professores/as e alunos(as). De outro modo, trabalhar para que as escolas brasileiras se tornem um espaço público em que haja igualdade de tratamento e oportunidades (Brasil, 2006, p. 22).

Esse movimento pedagógico propõe um currículo que respeite, valorize e integre as experiências culturais e históricas dos estudantes negros. Isso não se restringe à adaptação do conteúdo programático, pois também envolve a transformação do ambiente educacional, para torná-lo um espaço de reconhecimento e respeito pela identidade negra. Resgatar esse conhecimento a partir da centralidade africana, ou seja, a partir das histórias vividas pelos seus ancestrais e de sua diáspora, como propõe a Afrocentricidade, permite que o povo africano se torne protagonista na construção de suas próprias narrativas, o que significa romper com a visão eurocêntrica e valorizar as contribuições históricas e culturais africanas.

4 A agência africana e a localização psicológica: contribuições para a desconstrução de estereótipos raciais

A desconstrução de estereótipos raciais é um dos principais desafios enfrentados por estudantes negros na EJA. Os estereótipos, muitas vezes, associados à ideia de incapacidade ou de inferioridade, têm um impacto negativo na autoestima e na confiança dos estudantes e se perpetuam por meio de práticas pedagógicas que não reconhecem a diversidade cultural, limitando as possibilidades de afirmação identitária dos estudantes.

Nesse contexto, a educação antirracista, aliada à Afrocentricidade, se torna fundamental. Kabengele Munanga (2004), ao abordar a construção da identidade negra no Brasil, destaca um ponto crucial: a negação ou distorção da identidade histórica e cultural do povo negro é um fator central na perpetuação do racismo e da exclusão social. Nesse cenário, a Lei nº 10.639/2003 (Brasil, 2003) e seus desdobramentos legais



Karina Souza Soares

Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

representam uma nova época para a educação brasileira em todos os níveis e modalidades de ensino, reflexo de uma demanda social organizada. Assim sendo,

Na política educacional, a implementação da Lei nº 10.639/2003 significa ruptura profunda com um tipo de postura pedagógica que não reconhece as diferenças resultantes do nosso processo de formação nacional. Para além do impacto positivo junto à população negra, essa lei deve ser encarada como desafio fundamental do conjunto das políticas que visam a melhoria da qualidade da educação brasileira para todos e todas (Brasil, 2008, p. 10).

Ao valorizar a história e cultura africanas e afro-brasileiras, a Lei nº 10.639/2003 não só beneficia a população negra, mas também propõe um novo paradigma para uma educação mais justa e inclusiva, desafiando o sistema educacional a refletir sobre a diversidade do país e a respeitá-la. Nesse sentido,

Não se vive do passado, mas usa-se o passado para avançar em direção ao futuro. Nas sociedades africanas modernas sabemos que as canções, poemas, estórias, sermões e provérbios demonstram o movimento inexorável de nossos ancestrais em direção a uma função humanizante (Asante, 2014, p. 14).

Levar essa discussão para o ambiente da sala de aula, através das categorias afrocêntricas de localização psicológica e de agência africana, refere-se ao processo de autoidentificação e ao reconhecimento da própria cultura dentro do contexto educacional. Esses conceitos implicam a valorização da identidade dos estudantes negros, uma vez que lhes permitem se ver representados e respeitados no ambiente escolar. Quando esses estudantes são tratados de forma que lhes enseje validar suas experiências e heranças culturais, o processo de aprendizagem se torna mais significativo, criando condições para o fortalecimento da autoestima e da confiança.

Para Nilma Lino Gomes (2015), a educação das relações étnico-raciais é um instrumento essencial na formação de uma sociedade mais justa e igualitária. Ela



Karina Souza Soares

Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

defende a importância de um currículo que contemple a história e a cultura afro-brasileira como forma de combater o racismo e de proporcionar aos estudantes negros uma experiência educacional que favoreça o desenvolvimento da identidade.

De acordo com Soares (2020, p. 64), “incorporar o conceito de agência africana é fundamental para a tomada de consciência e a libertação das amarras eurocêntricas”. Funciona como uma chave para a reorientação e a recentralização da identidade negra. Isso permite que a pessoa negra deixe de ser vista como vítima ou dependente e passe a se reconhecer como agente de sua própria história, capaz de agir de forma independente, segundo seus próprios interesses, ao invés de se manter na condição de objeto.

A localização psicológica, categoria afrocêntrica, mais que uma ferramenta de reconhecimento, é uma estratégia para desconstruir o preconceito e os estereótipos raciais. Ao criar um ambiente onde os estudantes se sintam representados e respeitados, a escola se torna um espaço propício para a emancipação desses indivíduos.

A localização psicológica está diretamente relacionada à agência africana, pois se refere ao lugar psicológico, cultural, histórico e individual onde a mente do sujeito está situada (Asante, 2019). Ou seja, a forma como uma pessoa compreende e interpreta as informações depende da perspectiva a partir da qual ela é apresentada. Dessa maneira, tanto a agência africana quanto a localização psicológica estão interligadas, pois ambas promovem o fortalecimento da identidade negra e a capacidade de agir de maneira autônoma e consciente, partindo de uma visão que respeita e valoriza sua história e cultura.

5 Paulo Freire e a pedagogia libertadora: um encontro com a afirmação identitária negra

O legado freireano, com seu enfoque na educação libertadora, nos permite dialogar com as categorias afrocêntricas ao valorizar a experiência e a história de vida do educando de maneira sensível e humana, rompendo com práticas pedagógicas e com



os currículos desatualizados e desconectados da realidade. Incorporando o pensamento de Paulo Freire, podemos avançar na valorização dos saberes dos estudantes negros e reconhecer sua capacidade e seu protagonismo no processo educacional.

Quando relacionamos a pedagogia de Freire às categorias da Afrocentricidade na EJA, especialmente em relação à população negra, surgem implicações significativas para o processo educativo. A Afrocentricidade, por colocar as experiências africanas e afro-brasileiras no centro da construção da identidade, proporciona uma perspectiva enriquecedora, alinhada à visão de Freire de uma educação transformadora. Nesse sentido, a pedagogia libertadora vai além de uma ferramenta de inclusão, tornando-se um meio potente para afirmar e valorizar as identidades negras no processo educacional.

A abordagem freireana, que destaca o diálogo, a escuta e as experiências de vida dos estudantes, é fundamental para a construção de um ambiente educacional em que pessoas negras se reconheçam como sujeitos ativos no processo de aprendizagem. Sua proposta pedagógica, centrada na concepção de que os educandos são protagonistas da sua formação, oferece subsídios importantes para práticas que promovam o reconhecimento e a valorização da identidade negra no contexto da EJA. Freire nos ensina que a educação possibilita a leitura crítica do mundo, partindo dos saberes prévios e das vivências dos estudantes como elementos centrais para o desenvolvimento de uma formação integral e transformadora.

Freire nos ensina que alfabetização não é apenas ensinar a ler e escrever, mas também permitir que os alunos compreendam e interpretem o mundo ao seu redor, utilizando seus saberes prévios e histórias de vida como ponto de partida para a aprendizagem.

Assim como Freire aponta a necessidade de reconhecer o "inacabamento" do ser humano como parte de sua experiência vital, a Afrocentricidade também nos convida a perceber a identidade negra como uma construção contínua, marcada pela resistência e pela superação de estereótipos. A inclusão das categorias afrocêntricas,



Karina Souza Soares

Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

como a agência africana e a localização psicológica, permite que os educandos negros reconheçam seu poder e potencial; reforça a ideia de que são sujeitos ativos em sua aprendizagem e transformação social. A educação, ao reconhecer e valorizar essas experiências, se torna um espaço de ressignificação, onde o aluno se percebe como protagonista de sua própria história.

Nesse contexto, para que a EJA cumpra sua função como modalidade educativa com identidade própria, é essencial reconhecer e incorporar os saberes e as vivências dos estudantes ao processo de ensino-aprendizagem, conforme orienta o Parecer CNE/CEB nº 11/2000 (BRASIL, 2000). Mais do que assegurar o direito à educação historicamente negado, a EJA deve promover a equidade e permitir a retomada de trajetórias escolares interrompidas, como também, ao valorizar os conhecimentos adquiridos fora do espaço escolar e a diversidade cultural e social dos sujeitos, a modalidade exerce suas funções reparadora, equalizadora e qualificadora.

Concluindo, a proposta pedagógica da EJA, ao se articular com as categorias afrocêntricas e com os princípios da pedagogia freireana, pode se consolidar como uma estratégia potente para enfrentar a invisibilidade histórica da população negra. Nesse sentido, propõe-se que as práticas educativas nessa modalidade avancem no compromisso com a equidade racial e social, contribuindo efetivamente para uma sociedade mais justa, plural e democrática.

6 Considerações finais

A proposta pedagógica afrocêntrica pode contribuir de forma significativa para a desconstrução de estereótipos raciais e a afirmação identitária do povo negro na Educação de Jovens e Adultos. Ao se integrar as categorias afrocêntricas, como a agência africana e a localização psicológica, ao processo educativo, é possível ressignificar a forma como os educandos negros se percebem, afastando-os da condição de vítimas e afirmando-os como sujeitos ativos na construção de seus saberes. Esse



movimento valoriza a identidade e a história desses alunos, uma vez que rompe com as narrativas de subordinação e invisibilidade, bem como fortalece a autoestima e a confiança dos estudantes.

Conectar essa proposta com a pedagogia freireana, que enfatiza a conscientização crítica e a valorização das experiências de vida dos educandos, amplia o impacto da educação como um meio de transformação social e reafirma as identidades culturais, históricas e políticas do povo negro.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2023.

ASANTE, Molefi Kete. A ideia afrocêntrica em educação. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, Brasília, n. 31, p. 136-148, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/28261>. Acesso em: 22 nov. 2019.

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: a teoria de mudança social. Tradução de Ana Monteiro-Ferreira. Philadelphia, PA: Afrocentricity International, 2014.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica**. Parecer CNE/CEB nº 11/2000, de 10 de maio de 2000. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 9 ago. 2000.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis-/2003/110.639.htm. Acesso em: 4 dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Contribuições para implementação da Lei 10.639/2003**. Brasília: MEC, 2008. Disponível em: https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/contribuicoes_implement_lei_10639.pdf. Acesso em: 23 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar da Educação Básica 2023**: Resumo técnico. Versão preliminar. Brasília: INEP, 2023. Disponível



Karina Souza Soares

Rede Municipal de Ensino de João Pessoa

em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2023.pdf. Acesso em: 15 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e ações para educação das relações étnico-raciais**.

Brasília: SECAD, 2006. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf. Acesso em: 8 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Educação de Jovens e Adultos e questão racial: algumas reflexões iniciais. *In*: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (org.).

Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações étnico-raciais no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **A construção da identidade negra no Brasil: a experiência da diáspora**. S. L.: Editora Loyola, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Cortez, 2009.

SOARES, Karina Maria de Souza. **A população negra nos livros didáticos de biologia: uma análise afrocentrada por uma educação antirracista**. 2020. 207 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SOARES, Karina Maria de Souza; SILVA, Eduardo Jorge Lopes da. Análise afrocentrada dos livros didáticos de Biologia. **Interfaces da Educação**, [S. l.], v. 15, n. 42, p. 187–206, 2024. DOI: 10.61389/inter.v15i42.6798. Disponível em:

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/6798>. Acesso em: 27 mar. 2025.

Recebido em: 28/03/2025

Aprovado em: 17/07/2025